

Entrevista a João da Providência, presidente do Departamento de Física "Um bom físico tanto investiga em Portugal como noutra país qualquer"

João da Providência fala-nos dos problemas com que se deparam as licenciaturas na área da Física e de possíveis formas de os combater. Este ano, vai entrar em funcionamento, na UBI, o curso de Ciências Biomédicas que conta com uma interligação entre a Física, a Medicina e a Engenharia Electromecânica.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi - Fale-nos um pouco do Departamento de Física da UBI?

João da Providência - É um departamento que tem um corpo docente jovem e competente. O pessoal técnico e de apoio é também muito bom. Uma das características que temos vindo a implementar é o funcionamento em equipa. Mas esta tarefa nem sempre é fácil, visto que este é um dos maiores departamentos da Universidade. Um número que se deve aos muitos alunos que havia há uns anos atrás. Hoje a situação mudou completamente. Lembro-me dos estudantes que querem ingressar em Física e não haver vagas. Agora acontece o contrário, há vagas mas não há estudantes.



"A Física é uma das mais importantes disciplinas para a investigação"

U - Como vê essa falta de alunos nos cursos de Física?

J.P. - O País sabe que tem de proporcionar uma boa formação caso queira crescer e desenvolver-se. Essa formação implica conhecimentos de Matemática e de Física que são as ciências que estão na base da investigação. O problema é que Portugal não é um País exigente e os quadros técnicos não estão bem distribuídos. Não entendo o facto de existirem pessoas com doutoramento em Matemática e Física, com altos conhecimentos nestas disciplinas, que estão desempregadas. Enquanto que existem docentes que estão a dar aulas, mas que não têm as mesmas habilitações.

A desmotivação dos alunos, nestas áreas, é outro factor a ter em conta. De que serve a um estudante uma licenciatura com a vertente de ensino, se ele sabe que não vai ter emprego. As pessoas começam a interrogar-se e acabam por desistir. Mas até hoje houve falta de alguém com a coragem suficiente para questionar este sistema de ensino e da carreira docente. Com o actual panorama, há jovens que chegam ao Ensino Superior com falta de capacidades para tal. Isso não é inteiramente culpa deles, é culpa do sistema.

U - Acredita portanto que o problema não se deve às Universidades, mas ao próprio sistema de Ensino.

J.P. - Julgo que deveria ser feita uma melhor selecção das pessoas. As mais competentes são as que devem ensinar os nossos jovens. Infelizmente, isso não acontece. Vivemos neste sistema e para este sistema. Claro que para haver uma mudança profunda em tudo isto é preciso alguma coragem política e pessoal.

U - Como vê o futuro da Física na UBI?

J.P. - Na realidade actual a Física é uma das mais importantes disciplinas para a investigação e desenvolvimento de novas tecnologias. Uma das áreas em forte crescimento e que tem de ter o apoio da Física, é precisamente a área da Medicina. Nos cursos de Medicina lecciona-se pouca matéria relacionada com a Física. Mas os profissionais de saúde trabalham todos os dias com máquinas e com processos que obedecem a leis físicas, que devem ser minimamente compreendidas. O departamento de Física analisou este e outros problemas e decidiu propor soluções. Assim nasceu um novo curso pensado para a Medicina, que vai também ter uma base Física. trata-se da licenciatura em Ciências Biomédicas. Este foi o primeiro de muitos outros passos que esperamos dar no sentido de fomentar a importância da Física na UBI e no panorama nacional.

U - Como vai ser esse curso?

J.P. - O curso vai integrar três departamentos da UBI de forma a que exista uma ligação entre os diversos saberes. Vai englobar a Física, a Medicina e a Engenharia Electromecânica. Há depois um ramo de especialização em Física Médica que envolve mais o Departamento de Física e outro em Engenharia Biomédica que estará mais ligado ao Departamento de Engenharia Electromecânica. Estamos também a criar um curso de pós-graduação em Ciências Biomédicas, que vai abrir pela primeira vez este ano lectivo e que é destinado a enfermeiros, técnicos de saúde, profissionais de diagnósticos, entre outros.

U - Portugal não é um País de "Einstein's"?

J.P. - Uma das verdades que devia estar interiorizada pelos portugueses é a de que nós não somos piores do que os outros. Este era um bom ponto de partida para tudo, não só para o melhoramento das ciências exactas e das investigações, mas também

para o próprio desenvolvimento do País. Outra das coisas que se regista em Portugal é o facto de sermos demasiadamente permissivos. Isto é, o nível de exigência, de trabalho, de empenho e de resultados é colocado, em certa medida, de lado. Hoje regemo-nos, muitas vezes, por medidas eleitoralistas, há outros interesses maiores que não deixam modificar estes cenários.

U - Em 2005 assinala-se o ano Internacional da Física, de uma forma geral como analisa o papel desta ciência na actualidade ?

J.P. - Hoje fala-se muito da aldeia global. Estamos cada vez menos isolados, aquilo que é descoberto numa ponta do globo, depressa chega ao outro extremo. Mas para que isto aconteça é necessário que os povos e as entidades não se isolem do resto do mundo e Portugal esteve algo afastado, manteve-se num estado periférico. Actualmente isso está a mudar. Na Física há grandes ligações internacionais, como é o exemplo da Agência Espacial Europeia (ESA) da qual Portugal também é sócio ou uma outra agência ligada à fusão nuclear. No mundo da física desenvolvem-se hoje investigações muito grandes que têm forçosamente de envolver muitos países. Dai que não se possa pensar só no nosso espaço, em nós próprios, mas sim, no global.

U - E como vê o futuro da Física na UBI?

J.P. - Sou um optimista. Esta Universidade é relativamente pequena e isso pode ser um ponto positivo a explorar. Devem atrair-se os futuros estudantes com a qualidade de vida que aqui se tem, com os meios e com o tratamento mais personalizado relativamente a outras universidades. Isto passa pela cidade, pelas estruturas da Universidade, pelas ligações às principais cidades, entre outras. Os físicos da Universidade da Beira Interior estão em ligação com muitos outros.

U - Numa altura em que o "choque tecnológico" está em voga considera que a Física e os projectos que esta área envolve deveriam ter mais apoio por parte do Governo e de outras instituições?

J.P. - Não podemos queixar-nos nesse aspecto, até porque não nos têm faltado meios. Penso sim que deveria de existir uma maior preparação dos alunos e predisposição para a investigação. Muitos dos membros deste departamento trabalham no domínio da Física Teórica. E muitos deles estão ligados a investigações conjuntas com várias Universidades portuguesas e estrangeiras. Estas ligações são muito importantes, tal como a partilha de conhecimentos, mas implicam custos. Até aqui, o apoio das entidades oficiais tem-se mantido.

U - No âmbito da investigação e de novos projectos pode avançar algumas novidades?

J.P. - Um dos projectos que está em desenvolvimento é relacionado com um Observatório de Ciência que pode vir a ser instalado na região. Este projecto foi mesmo proposto à Fundação para a Ciência e Tecnologia, foi bem classificado, mas acabou por não ser aprovado. É um projecto muito importante e necessário que, se aprovado, pode envolver a Universidade, os alunos do curso de Física e não só. As escolas da região têm, nesta iniciativa, um papel preponderante, pois os alunos do secundário teriam neste observatório uma base de apoio às suas aulas teóricas e às matérias que são dadas no secundário, com o intuito de motivar os alunos e despertar-lhes o gosto pela Física.

U - Quais serão os principais incentivos para chamar alunos para esta área?

J.P. - Os alunos da UBI são tão bons como os das outras Universidades. Esta ideia deve ser sublinhada, até porque existe muito a convicção de que as melhores escolas são em Coimbra, Lisboa e Porto. Mas, o problema da Física é que se restringe, em grande maioria, ao ensino que por sua vez está lotado. Em países como a Alemanha, isso não acontece. Um licenciado em Física pode desenvolver a sua actividade em diversos campos. É preciso que as indústrias portuguesas comecem a olhar para isto e a empregar as pessoas. Portugal está a torna-se num País de serviços, com as consequências que isso acarreta. As pessoas que são boas nas suas áreas acabam por sair do País. Um bom físico tanto investiga em Portugal como noutra país qualquer e isso é o que hoje se verifica no panorama português.

perfil



João da Providência nasceu em Coimbra em 1956. Formou-se em Física na Universidade de Coimbra onde começou a leccionar algumas cadeiras no curso. Os contactos no âmbito da investigação mantidos com universidades europeias levam-no até à Alemanha para realizar o seu doutoramento. Uma investigação "apoiada por uma bolsa patrocinada pelo Governo Alemão". O actual presidente do Departamento de Física da UBI lembra que "na altura não falava alemão", e teve de aprender "desde o zero". Segundo Providência, "não se aprende só a fala, mas também a cultura, os hábitos de trabalho e outros pormenores". O contacto com uma nova cultura fascinou-o a tal ponto que ainda hoje se confessa um apaixonado por tudo o que diga respeito à Alemanha. Este docente da UBI refere que "as pessoas têm um empenho que não se verifica no povo português". Factores que "marcam bastante quem que ali se desloca". Este professor explica também que uma das coisas que mais o fascinou nos alemães foi o seu sentido de pátria. "Tal como os portugueses, também os alemães estão espalhados por todo o mundo, mas ao contrário de nós, eles cuidam da língua deles e de todo um conjunto de situações que se prende com o seu País. Em Portugal tende-se a ser mais descuidado", refere.

Ainda assim, regressa a Portugal onde tem a família. "Depois do doutoramento continuei em Coimbra a dar aulas e fazer investigação", acrescenta. Entretanto surgiu a oportunidade de vir para a UBI com a abertura de um lugar para professor catedrático na área da Física. "Concorri e fui colocado. Sempre gostei de conhecer pessoas e lugares". Embora esta deslocação roube algum tempo à família, o balanço que faz é "bastante positivo".

Os computadores são outra das grandes paixões de João da Providência. Para este físico, "as máquinas que hoje existem são instrumentos preciosos para o homem". O docente da UBI refere que tem um gosto especial pela linguagem informática "e pela capacidade do homem comunicar com a máquina e tentar adaptar esta às suas necessidades".

No que diz respeito aos tempos livres, "passam acima de tudo por estar com a família e passear". A natação é uma das actividades de lazer que mais aprecia, assim como a leitura de livros em alemão e "ouvir rádio".